



TEMPESTADE DOS X-MEN: INTERSECCIONALIDADE ENTRE REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE NA ARQUETÍPICA IANSÃ DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS¹

Savio Queiroz Lima²

Doutorando em História (UFRGS)



<https://orcid.org/0000-0003-1167-5639>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 26 de fevereiro de 2025

RESUMO

O presente trabalho busca analisar os vestígios historicamente constitutivos da personagem-produto Tempestade (Storm) da franquia X-men. Através de abordagens críticas de análises de discursos, representações e representatividades são evocadas para

¹ Este trabalho é derivado do capítulo do livro *Identities Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*, em objetiva expansão temática, principalmente no que se refere aos conceitos de Interseccionalidade, Representação/Representatividade e Arquétipo.

² Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), sob orientação da prof. Dr. Mary Del Priore. Membro do *Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero – ANPUH-BA (GT-Gênero-ANPUH-BA)*. Membro do *Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo (LETHAM)*. Membro da *Red Internacional Multidisciplinar en Estudios de Género (RIMEG)* das Universidad Nacional de Cuyo (Argentina), Universidade Federal de Bahia (UFBA) e Universidad de Sevilla (Sevilla, España). Membro do *Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS)*. Autor dos livros *Mulher Maravilha para Presidente! – História, Feminismos e Mitologia nas Histórias em Quadrinhos*, lançado em 2019 e *Identities Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*, lançado em 2024. savio_roz@yahoo.com.br



historicizar a personagem fictícia, além das leituras iconográficas-iconológicas de sua expressão gráfica racializada e generificada. Tempestade é uma super-heroína de histórias em quadrinhos, membra e líder da equipe de super-heróis mutantes conhecida como X-men, criada em 1963, mas que sofreu atualização em 1972 que lhe aproximou de pautas de movimentos políticos de grupos minoritários. Por inquietações diversas, as transliteradas conexões entre a super-heroína Tempestade, Ororo, e a deidade Iansã, Oyá, nos guiam a pensar as potencialidades arquetípicas. Este trabalho é capítulo do livro *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas*, publicado em 2024, compondo acervo textual crítico sobre personagens femininas das ficções de entretenimento das histórias em quadrinhos de super-heróis.

PALAVRAS-CHAVE

Interseccionalidade; Representação e Representatividade; Tempestade (Ororo)

Introdução

Este trabalho é uma consciente ampliação discursiva sobre historicidades do objeto fonte, a personagem dos quadrinhos chamada Tempestade, e o conceito de interseccionalidade. Para isso, são fortuitos os conceitos e princípios instrumentalizados de *Análises de Discursos*, *Representações* e *Representatividades*, através de dialógicas interações com o conceito de *interseccionalidade*. As relações entre História e Ficção, a sua apropriação pelo fazer historiográfico para a produção crítica de um saber engajado.



O artigo original, publicado em formato de capítulo de livro, mas mantendo as características normativas, faz um recorte de objeto-fonte: Narrativas em Quadrinhos com a Tempestade. Oportunizando a comunicação da pesquisa em caráter acadêmico-científico, para apreciação dos pares e divulgação da obra original.³ Trata-se do último capítulo do livro *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas*, publicado pela editora Devires no ano de 2024, com o título *Tempestade dos X-men: A Iansã dos Quadrinhos*, exclusivo da obra. Não se faz aqui a rigor, um processo de resenha analítica, a pretensão deste texto é de ampliação e desdobramento do conceito de interseccionalidade para com o objeto-fonte eleito. Com isso, evita-se o autoplágio na produção intelectual, mas faz a aproximação tipológica textual de uma intertextualidade alusiva, promovendo uma continuidade de estudos.

A adição dilatada se produz através do desenvolvimento discursivo da representação generificada e racializada da super-heroína Tempestade com o debate sobre interseccionalidade. O conceito surge como ferramenta analítica capaz de abordar as relações de poder e subalternizações através de marcadores sociais que se interpõem e interagem para produzir desigualdades e controles. O exercício de instrumentalização de fontes narrativas ficcionais para o debate científico, acadêmico, pedagógico e/ou público

³ Trabalho presente no Simpósio Temático de número 02, *Gênero & Ficção: Feminilidades e Masculinidades em Cena, em Sentença, em Representação (Cinema, Literatura e outras Mídias)*, ocorrido entre os dias 5 e 7 de novembro de 2024, no evento *História nas Margens: Estudos de Trajetórias e Narrativas Dissidentes*. Informações disponíveis em <https://www.historianasmargens.com/simp%C3%B3sios/st-02>.



se enriquece enquanto recursos úteis para movimentos sociais e as lutas identitárias. Intersecção entre campos identitários de luta política, o conceito de interseccionalidade evidencia a condição de dissociabilidade dos marcadores na práxis crítica, pois os processos de controle e subalternização de grupos humanos não atendem a limites epistemológicos em seu exercício de dominação.

A *representação* e a *representatividade* em *Tempestade* é fruto de sua apropriação pela indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos na segunda metade do século XX. Personagem de ficção, produto de lazer, articula em sua existência simbólica as camadas representativas em um corpo sugerido, articulado pelos marcadores de raça e gênero e condicionado às possibilidades de leitura de filtros e lentes sociais. Camadas diversas atravessam as duas condições e enriquecem o debate proposto, com a super-heroína como fio condutor lúdico e crítico.

Mutante, Mulher, Negra

Tempestade, a super-heroína mutante das histórias em quadrinhos, voltou a ter a atenção com a animação *X-Men '97*, em março de 2024 pelo canal de *streaming* Disney+. A animação retoma, também como homenagem, a série animada televisiva *X-men: The Animated Series*, produzida e exibida originalmente no canal de assinatura infantil Fox Kids entre outubro de 1992 e setembro de 1997. Proposta de *Revival*, ou seja, de retomada de produto serial dado por encerrado, *X-men '97* tem entre seus personagens-produtos a



super-heroína mutante Ororo Munroe, conhecida como Tempestade, visivelmente marcada por forte e aguerrida feminilidade tingida de racialidade negra.

Desde sua inserção nas histórias em quadrinhos, os dois marcadores sociais, raça e gênero, atravessam a representação em Tempestade. Uma complexa rede de criações artísticas e decisões editoriais, atravessadas pelos traços do artista Dave Cockrum, fabricou a super-heroína,⁴ garantindo as características que nos são fundantes na evocação teórico-metodológica da interseccionalidade desta análise crítica. Na ficção, quando o personagem professor Charles Xavier, fundador dos X-men, foi convidar Ororo para compor a nova formação da equipe de super-heróis, a encontrou como uma deusa das chuvas e das tempestades, usando seus poderes, para atender comunidades nas regiões montanhosas do Quênia. As primeiras imagens já nos indicam: Ororo, deusa, mutante e super-heroína é uma mulher negra. Assim, quer seja em narrativas de histórias em quadrinhos, adaptações em animações ou filmes com atores, inserções em jogos eletrônicos e produtos afins, tais marcadores são essencialmente evidentes.

A presença de Tempestade em diversos suportes midiáticos conectou representações e possibilidades representativas para mulheres negras reais. Na animação dos anos 1990, *X-men: The Animated Series*, a voz da personagem vem da intérprete estadunidense Iona Morris, que cede lugar para a dubladora barbadiana-canadense Alison Sealy-Smith em *X-men '97*. Nos cinemas, em produções *live-action*, Tempestade foi

⁴ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a, p. 152-153.



interpretada pela atriz estadunidense Halle Barry nos filmes *X-men* (2000), *X2* (2003), *X-men: The Last Stand* (2006), *The Wolverine* (2013) e *X-men: Days of Future Past* (2014). No filme *X-men: Apocalypse* (2016), uma jovem Ororo é interpretada pela atriz e cantora estadunidense Alexandra Shipp. Com tais produções,⁵ há uma ampliação ressonante da representação de Tempestade, uma visibilidade de um personagem-produto do entretenimento que tem características reconhecíveis de marcadores sociais, raça e gênero, ainda em processo ativo de reivindicação de igualdade jurídica e sociopolítica.

Mídias como filmes e animações geralmente transmitem narrativas oriundas das histórias em quadrinhos. São nas narrativas das histórias em quadrinhos que a existência de Tempestade é construída, durante uma considerável duração, desde 1975, marcada de muitos roteiristas e desenhistas, garantindo continuidades e discontinuidades. Diversas experiências críticas “respaldam a potencialidade de tal fonte midiática enquanto objeto-fonte para a oficina de produção crítica do conhecimento histórico”,⁶ nos poupando da cansativa responsabilidade de defesa da proficiência das histórias em quadrinhos como objetos-fontes possíveis à historiografia. Um trabalho quantitativo e qualitativo de análise documental das histórias em quadrinhos mais significativas, seus autores e seus discursos,

⁵ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a, p. 164.

⁶ LIMA, Savio Queiroz. “Pesquisando Histórias em Quadrinhos em História: Relatos de Experiências e Práticas de seu Uso na Historiografia e no Ensino de História”. In: MARTINS, Carlos dos Passos; KARAWCZYK, Mônica; KRILLOW, Letícia Sabina Wermeier. *Mídias & História: Metodologias e Relatos de Pesquisa*. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2024b.



como fora feito, nos proporciona alicerce seguro para a proposta de ampliação analítica-crítica deste exercício argumentativo.⁷

A importância de *Tempestade* está na absorção da mídia e de seu mercado pela representação generificada e racializada na sociedade estadunidense a partir dos anos de 1960. O próprio contexto histórico, como veremos, a insere no panteão de personagens-produtos das histórias em quadrinhos, ocorrendo uma confluência das camadas sociais que habita. Evidente que “numa lista eficaz sobre representações femininas nos quadrinhos, a líder dos X-men não poderia ser esquecida, principalmente pelos marcadores de gênero, raça e sexualidade que lhe atravessam”⁸ e que justificam a leitura de sua existência através das convergências evidentes de seus marcadores sociais. Basta qualquer desenho feito da personagem para vermos com certa nitidez que é uma representação imagética de uma mulher negra, ainda que esta voe e controle tormentas. Com a problemática incidida sobre as características dessa representação, se questionam o status quo sociopolítico, a ferramenta analítica da intersecção de marcadores sociais identitários, a interseccionalidade, se faz bastante fortuita.

O conceito de *interseccionalidade* é crucial para compreender como são definidos os marcadores sociais que atravessam a personagem *Tempestade* contextualmente. A historicidade de *Tempestade*, publicada desde 1975, é marcada com diálogos com

⁷ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a.

⁸ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024^a, p. 13.



movimentos sociais como o de direitos civis das pessoas negras e o movimento feminista, que marcaram a contracultura através de diversas produções artísticas, como o gênero/estilo *Blaxploitation*, levando políticas raciais e de gênero para o entretenimento cinematográfico e televisivo.⁹ Tempestade é herdeira de tal contexto cultural bem-sucedido na indústria de entretenimento, mas também parte de um debate sobre as múltiplas opressões, racismo e machismo, que viviam uma amplitude de termos e divisões sociais que se solucionou ao ser nomeado através de “um termo guarda-chuva reconhecível”.¹⁰ O conceito de *interseccionalidade* é fruto de toda uma narrativa jurídica, observada e criticada pela então professora de Direito Kimberlé Crenshaw em 1989, que envolvia a aplicação da justiça que só conseguiria atingir sua plenitude se considerasse raça e gênero como critérios de subalternização e violência.¹¹ Mesmo na fantasia, as condições

⁹ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heróínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a, p. 164.

¹⁰ COLLINS, Patricia Hill. “Se Perdeu na Tradução? Feminismo Negro, Interseccionalidade e Política Emancipatória”. In: *Revista Parágrafo*, vol. 5, no 1, 9ª Edição. Jan-Jun de 2017, p. 10. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>.

¹¹ CRENSHAW, Kimberle. “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”. In: *University of Chicago Legal Forum*, Vol. 1989, edição 1, artigo 8, 1989, p. 141. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>; COLLINS, Patricia Hill. “Se Perdeu na Tradução? Feminismo Negro, Interseccionalidade e Política Emancipatória”. In: *Revista Parágrafo*, vol. 5, no 1, 9ª Edição. Jan-Jun de 2017, p. 10. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>; ZAKARIA, Rafia. *Contra o Feminismo Branco*. 1ª Edição. Tradução de Solaine Chioro e Thaís Britto. Rio de Janeiro, Editora Intrínseca, 2021, p. 222-228.



raciais e de gênero (e na categoria fictícia de “mutante”) de Tempestade são indissociáveis para compreender complexidades discriminatórias.

Quase que como em aventuresco drama de super-heroínas, as hercúleas lutas produziram encontros, conquistas e alegorias artísticas. As conexões possíveis, senão imprescindíveis, entre os movimentos sociais são fortalecidas diante das circunstâncias globais do poder e da opressão.¹² As inquietações sociopolíticas, como a dos movimentos negros feministas,¹³ entre as décadas de 1970 e 1980 expuseram “a necessidade do feminismo de refletir desigualdades estruturais relativas a (sic) raça, fé, classe, deficiência etc., assim como gênero”.¹⁴ Produções artísticas como as histórias em quadrinhos “influencia nossas sensibilidades interseccionais”,¹⁵ ao se apropriarem da representação de uma mulher negra como produto consumível por um mercado de entretenimento majoritariamente masculino e branco. Nas narrativas em quadrinhos e mesmo em outros suportes, questões que envolvem a condição de “mutante” é mais exercitada criticamente

¹² COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1ª edição. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Editora Boitempo, 2021, p. 165.

¹³ COLLINS, Patricia Hill. “Se Perdeu na Tradução? Feminismo Negro, Interseccionalidade e Política Emancipatória”. In: *Revista Parágrafo*, vol. 5, no 1, 9ª Edição. Jan-Jun de 2017.p. 8-10. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>.

¹⁴ ZAKARIA, Rafia. *Contra o Feminismo Branco*. 1ª Edição. Tradução de Solaine Chioro e Thaís Britto. Rio de Janeiro, Editora Intrínseca, 2021, p. 10.

¹⁵ COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1ª edição. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Editora Boitempo, 2021, p. 10.



por Tempestade que a sua condição de gênero e sua condição racial, ignoradas pelos seus diversos roteiristas, homens brancos,¹⁶ confrontando *representação* e *representatividade*.

Sua existência, como super-heroína nas páginas coloridas das revistas dos X-men, entretanto, não realiza, por si, uma conquista profunda. Assim como ocorre com outras personagens produtos, como a Mulher-Maravilha, “a sua representação não é, em si, sinônimo de representatividade”,¹⁷ exigindo que, para isso, ocorram condições de reconhecimento e valorização muito mais específicas que a simples representação. Tempestade é uma representação eficaz nos seus signos visualmente reconhecíveis de raça e gênero, mas empobrecida face as estruturas de dominação, atuando, em silêncios e desvios discursivos, como conformação diante do poder.¹⁸ A líder mutante dos X-men parece esquecer, na maioria das vezes, seus marcadores sociais mais condizentes com a realidade concreta, gênero e raça, focando seus discursos críticos apenas na inventividade da fantasia super-genética, sua condição de mutante.

Tal esquecimento é condizente com a interpretação de *lugar de fala*¹⁹, com as interferências entre experiência e alteridade evidentes na estrutura criativa. Tempestade é

¹⁶ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a, p. 161.

¹⁷ LIMA, Savio Queiroz. “Pesquisando Histórias em Quadrinhos em História: Relatos de Experiências e Práticas de seu Uso na Historiografia e no Ensino de História”. In: MARTINS, Carlos dos Passos; KARAWAJCZYK, Mônica; KRILLOW, Letícia Sabina Wermeier. *Mídias & História: Metodologias e Relatos de Pesquisa*. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2024b, p. 99.

¹⁸ COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1ª edição. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Editora Boitempo, 2021, p. 254.

¹⁹ Para melhor compreensão do recorte do conceito aqui evocado, o subcapítulo A Formação das Modalidades Enunciativas, presente no livro de Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, produz uma



apropriada e inserida na indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos por um corpo criativo majoritariamente masculino e branco. Duas narrativas sobre o passado de Ororo foram produzidas no começo dos anos 2000, trazendo seus autores masculinos, mas marcados racialmente diferentes, e apresentando sintomaticamente discursos distintos.²⁰ Na revista *Ororo: Before the Storm*, publicada em 2005, com arte de Carlo Barberi e Juan Vlasco, tem nos roteiros de Marc Sumerak uma representação da África bem estereotipada e a condição racial imersa em silêncio. A presença de um homem negro, o roteirista Eric Jerome Dickey, faz com que a série em quadrinhos *Storm*, publicada em 2006, produza representações e críticas sobre a África e a negritude com mais representatividade racial.

Uma representação sem representatividade nos transmite certa opacidade, que não ofende o lazer, mas não sacia a potencialidade crítica. Nas histórias em quadrinhos ou nos filmes, a presença de Tempestade, dos X-men, é um conforto visual para olhares sensíveis às alteridades contra os padrões normativos masculinos e brancos, mas sua etiqueta de silêncios às questões que envolvem raça e gênero afastam reconhecimentos de uma audiência feminina negra. Ainda assim, “Tempestade é a potencialidade em si das

análise dos discursos proferidos por indivíduos atravessados de marcadores diversos e logradouros sociais-políticos-culturais. Em: FOUCAULT, Foucault. *A Arqueologia do Saber*. 7ª edição. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2008.

²⁰ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heróínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a, p. 161-163.



fortuitas discussões críticas sobre a interseccionalidade”.²¹ Para a melhor contemplação da interseccionalidade enquanto aporte teórico-metodológico para procedimentos referenciais, é imprescindível que haja uma interação entre episteme e práxis,²² síncrona com as condições de representação e representatividade.

Filtragens políticas e ideológicas interferem no trânsito das ideias e conquistas sobre as suas representações midiáticas na segunda metade do século XX. O processo de globalização e sua energização pelo neoliberalismo gerou a necessidade de movimentos de resistência,²³ que por sua vez serviram de farol para guiar a representação de Tempestade ao estrelato ficcional do entretenimento, ou seja, foram as circunstâncias contextuais que geraram a concessão de existir de Tempestade. Sua interseccionalidade persiste na representação, ainda que tenha esvaziamento crítico enquanto representatividade. Nos é permitido inferir sobre as historicidades da interseccionalidade através de apropriações midiáticas, pela indústria do entretenimento, continuidades e/ou rupturas em expressões e valores, angariando dada excepcionalidade à Ororo, a Tempestade, em cenário bastante conservador.

Performances e signos produzem correspondência que induzem considerar similitudes entre a super-heroína Tempestade e a orixá Iansã. Debates públicos já vinham

²¹ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024a, p. 165.

²² COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1ª edição. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Editora Boitempo, 2021, p. 53.

²³ COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1ª edição. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Editora Boitempo, 2021, p. 248.



rondando essa conexão,²⁴ mas consciente de que se trata de possibilidades de intersecção de elementos arquetípicos, sem nenhum vestígio de influências da primeira, Iansã, com a segunda, Tempestade. Entidade ancestral divina da África pré-diaspórica iorubana, Iansã é descrita como a mulher que “dirige o vento, as tempestades e a sensualidade feminina”,²⁵ características que encontramos na representação em Ororo. Há, nisso, um vislumbre da “estrada historiográfica dessas proximidades”,²⁶ que podemos instrumentalizar, no exercício discursivo, visibilizando as diferenças²⁷ que atingem Tempestade, mas não atingem Thor.

Numa espécie de dupla-moral, os condicionantes que regem os personagens-produtos, Tempestade e Thor, também são marcados por interseccionalidades. Seus marcadores sociais opostos geram representações de trânsitos díspares, onde a mudez crítica sobre suas condições representativas é conveniente ao status quo do poder, já que a “discriminação, como o trânsito em um cruzamento, pode fluir em uma direção e pode fluir em outra”.²⁸ Ou seja, as opressões sofridas por mulheres negras, mesmo no seu uso

²⁴ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024^a, p. 151 e p. 165.

²⁵ PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 22

²⁶ LIMA, Savio Queiroz. *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas: Gênero e Sexualidades nas Super-heroínas das Histórias em Quadrinhos*. Salvador, Editora Devires, 2024^a, p. 166.

²⁷ CRENSHAW, Kimberle. “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”. In: *Estudos Feministas*, Ano 10 vol. 1, 2002, p. 176. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>.

²⁸ Tradução própria do trecho: “Discrimination, like traffic through an intersection, may flow in one direction, and it may flow in another”, em CRENSHAW, Kimberle. “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist



mediático para o entretenimento, como as conexões e usos pedagógicos, não podem ser reivindicadas de forma unidirecional. Tal reflexão aqui busca se firmar enquanto estímulo ao debate público, pedagógico e/ou crítico sobre as representações racializadas.

Mutante, mulher, negra, a super-heroína Tempestade tem seus marcadores sociais mais evidentes que os raios luminosos que atravessam seu corpo em ação. Consegue cumprir demandas de representação no contexto de visibilidade de identidades negras e femininas pautadas pelos movimentos sociais contraculturais entre as décadas de 1960, 1970 e 1980. Mas como parte de processo de apropriação da realidade sociopolítica pela indústria de entretenimento, é marcada de silenciamentos e criticidades limítrofes e conservadoras. Mas longe de vencida, Tempestade não encerrou suas aventuras, assim como também não se encerram por agora as representações e representatividades de personagens mulheres negras na ficção de entretenimento.

Considerações finais

A imponente super-heroína, Tempestade, dos X-men, como uma Iansã das aventuras fantásticas das histórias em quadrinhos, espelha e espalha a mulher negra. A interseccionalidade, mais que uma conceitualização academicamente reconfortante, é interação entre a produção do conhecimento crítico e a manifesta e engajada luta política por transformações sociais. As exposições de suas fragilidades não buscam rejeição das

Politics". In: *University of Chicago Legal Forum*, Vol. 1989, edição 1, artigo 8, 1989, p. 149. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>.



importâncias identitárias marcadas nos traços fictícios de sua existência. Nesta ampliação intelectual, o fazer historiográfico sobre Gênero e Raça reencontra Tempestade.

O exercício presente tem por finalidade exemplificar a trajetória investigativa e os usos das fontes histórias em quadrinhos no campo dos Estudos de Gênero e Raça. Compreendendo exigências teórico-metodológicas de acordo com as questões levantadas e as características presentes no objeto-fonte analisado criticamente: a super-heroína Tempestade. O livro *Identidades Secretas Sexualidades Ocultas*, enquanto conjunto de artigos que se dedicou às problemáticas envolvendo representações femininas nas histórias em quadrinhos, buscando reunir debates dialógicos com a produção intelectual sobre o tema, absorvendo, em sintonia com a hermenêutica inerente aos próprios campos de estudos de gênero.

Esse encontro entre os estudos que envolvem gênero e raça tem sua própria historicidade, inclusive no Brasil. Um contexto social de tradução, publicação e consumo de histórias em quadrinhos estadunidense nos permite pensar os processos de recepção, ainda que eles não sejam, nesta produção intelectual, evocados. Dependências culturais fomentaram, inclusive, que a intersecção entre gênero e raça no ideário brasileiro também sofresse com imperfeições e esvaziamentos.²⁹ Como produto inserido na cultura de entretenimento das histórias em quadrinhos no contexto de consumo brasileiro, a

²⁹ GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. 1ª edição. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2020, p. 100.



personagem *Tempestade* sintomatizam as condições de representação e representatividade transferidas para a indústria de entretenimento.

A representação de *Tempestade*, carecida de representatividade, tem potencial instrumental para diversas possibilidades de debates críticos. “Crenshaw escreveu que nenhuma justiça podia ser feita para as mulheres negras ou qualquer mulher de cor caso não fossem considerados tanto raça quanto gênero na análise”,³⁰ o que nos coloca, diante de *Tempestade*, como audiência de uma justiça incompleta, ainda carente, mas em trânsito. Nas reflexões e discursos de muitas das célebres feministas negras do século XX “pode-se encontrar uma declaração forte e precoce sobre interseccionalidade, em que a ‘liberdade é indivisível’, tanto intelectualmente quando nas múltiplas lutas políticas”.³¹

Somos pegos por uma torrencial chuva de evidências, dos signos visuais representativos de um corpo lido enquanto corpo de mulher com traços e cores de sua racialização. O aparente óbvio se enriquece através da sua inquirição, fazendo com que a superficialidade abra caminho para uma profundidade complexa, mostrando uma *Tempestade* para além do ordinário recorrente. Não é exagero dizer, então, que sua existência, ainda que marcada de intenções comerciais e transferida por masculinidades muitas vezes branca, é fruto de lutas de muitas mulheres negras, mas essa conquista não

³⁰ ZAKARIA, Rafia. *Contra o Feminismo Branco*. 1ª Edição. Tradução de Solaine Chioro e Thaís Britto. Rio de Janeiro, Editora Intrínseca, 2021, p. 223.

³¹ COLLINS, Patricia Hill. “Se Perdeu na Tradução? Feminismo Negro, Interseccionalidade e Política Emancipatória”. In: *Revista Parágrafo*, vol. 5, no 1, 9ª Edição. Jan-Jun de 2017, p. 7. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>.



aquieta o sonho de transformação da sociedade e “estabelecer uma nova ordem social”.³²

Apenas quando humanos e mutantes, homens e mulheres, brancos e negros, enfim, possam conviver com a superação de conflitos.

³² HOOKS, bell. *Teoria Feminista: Da Margem ao Centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo, Editora Perspectiva, 2019, p. 227.